# *ZICARTOLA E QUE TUDO MAIS VÁ PRO INFERNO!* (1991): A CRÔNICA DE UM BRASIL DESIGUAL EM JOÃO ANTÔNIO

Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho[1]

**Resumo:** conhecido por ser um dos mestres do conto brasileiro contemporâneo, o escritor-jornalista João Antônio (1937-1996), autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), também enveredou pela crônica, tendo publicado vários textos tanto em jornal quanto em livro. Interessa-nos examinar um dos últimos livros da carreira do escritor, que tem como título *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* (1991), originalmente dirigido ao público infanto-juvenil dentro da série Diálogo. A partir do referencial teórico e metodológico de autores como Candido (1992) e Sá (1985), encaramos a crônica de João Antônio como uma rica faceta de um escritor polígrafo que transitou hibridamente entre o jornalismo e a literatura, entre o conto, memórias e a crônica.

**Palavras-chave:** João Antônio (1937-1996); Jornalismo e literatura; Crônica.

1. Doutor em Literatura Unesp/Assis e professor do Departamento de Comunicação e Turismo (Decomtur) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), autor dos livros João Antônio, repórter de Realidade (Idéia, 2002) e de A voz da infância e outras vozes (Lattus, 2010). e-mail: carlosazv@bol.com.br

**Abstract:** known for being one of the masters of contemporary Brazilian short story, the writer-journalist João Antônio (1937-1996), author of *Malagueta, Perus and Bacanaço* (1963), also moved into chronic, having published several texts in both paper and in the book. We are interested in examining one of the last books of the writer's career, which is entitled *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* (1991), originally addressed to children and youth within the *Dialogo* series. From the theoretical and methodological framework of authors such as Candido (1992) and Sá (1985), we see the chronicle of João Antônio as a rich facet of a writer that passed polygraph hybrid and between journalism and literature, including short stories, memories and chronic .
**Keywords:** João Antônio (1937-1996); Journalism and literature; Chronic.

## 1 Introdução

O paulista João Antônio (1937-1996) foi um dos principais escritores brasileiros surgido nos turbulentos anos 60. Teve sua estreia literária com a coletânea de contos *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicada em 1963 pela editora Civilização Brasileira, de Ênio Silveira. O que impressionou a crítica da época foi justamente a pouca idade do autor (vinte e poucos anos) e a grande qualidade, intensidade e atmosfera

dos contos situados no universo da malandragem paulista no final da década de 50.

O desenvolvimento posterior de sua obra vai ser impulsionado pela atividade jornalística, profissão que dialogou profundamente com a escrita de João Antônio, chegando até mesmo a orientá-la em meados dos anos 70. O fato é que, durante toda a sua vida, o escritor esteve ligado ao jornalismo. Inclusive, os primeiros contos que comporiam o antológico *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) foram publicados inicialmente nas páginas de *O Estado de S. Paulo*.

Compõem também a obra de João Antônio os seguintes livros: *Leão-de-chácara* (1975, contos), *Malhação de Judas Carioca* (1975, contos e reportagens), *Casa de Loucos* (1976, reportagens), *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977, biografia), *Lambões de Caçarola* (memória e ficção, 1977), *Ô, Copacabana* (1978, jornalismo e ficção), *Abraçado ao meu rancor* (1985, contos) e *Dama do Encantado* (1996, contos e reportagens).

## 2 João Antônio, polígrafo

*Polígrafo* talvez seja a melhor palavra que sirva para sintetizar e para caracterizar as várias facetas da escritura de João Antônio. Desde o início de sua carreira com uma experiência na redação publicitária nos anos 50, passando pelo manejo magistral do gênero conto na sua estreia nos anos 60, passando também

na mesma época a integrar a imprensa, mais precisamente na revista *Realidade*, do grupo Abril, João Antônio é um polígrafo, operando várias sínteses como jornalismo e literatura, memória e jornalismo, memória e literatura, biografia e literatura, música e literatura etc.

Uma das metas de João Antônio era sobreviver unicamente da sua atividade literária. Como não conseguiu, via-se obrigado a militar profissionalmente na imprensa brasileira. É necessário frisar que ele começou a carreira de escritor muito cedo e que a profissão de jornalista foi uma atividade paralela ao mundo das letras.

O jornalismo na vida de João Antônio não atravancava sua produção literária. Pelo contrário, as duas áreas, de certa maneira, se complementavam. Como um dos pioneiros no Brasil a trabalhar dentro da filosofia do chamado Novo Jornalismo (*New Journalism*), modelo norte-americano que usava técnicas da literatura para humanizar as reportagens, João Antônio publicou vários livros que são essencialmente jornalísticos. *Malhação de Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976) é a reunião do melhor de sua produção veiculada anteriormente em jornais e revistas.

João Antônio publicou também alguns livros "híbridos" ou de difícil classificação, a exemplo de *Lambões de Caçarola* (1977) e *Ô Copacabana!* (1978) que mesclavam jornalismo e literatura, seguindo a tendência da prosa brasileira da época,

fortemente marcada por um viés experimentalista, misturando gêneros. O primeiro foi definido pelo próprio escritor como sendo um livro de "memória-depoimento-reportagem". Já o segundo pode ser caracterizado como uma prosa experimental que disseca o bairro de Copacabana num relato ao mesmo tempo jornalístico e literário.

Passados quase 15 anos da morte do escritor, o público brasileiro ainda não pode ter acesso à vasta produção de João Antônio em jornais e revistas. No entanto, o trabalho de sistematização e estudo da obra do escritor vem evoluindo bastante graças ao esforço de jovens pesquisadores e professores da Unesp/Assis, no Acervo João Antônio, gerando inúmeros estudos em diversos níveis (iniciação científica, mestrado e doutorado).

Para se ter ideia da quantidade da produção jornalística de João Antônio, basta citar que são mais de 30 anos de militância no "batente" jornalístico, nos mais diversos órgãos da imprensa nacional, tendo ocupado funções que vão da editoria de cidades, passando pela reportagem e indo até a função de cronista diário.

Uma curiosidade é que o contista João Antônio só foi descoberto na sua juventude graças à publicação de seus contos em jornal. Inicialmente o jovem escritor começa a ganhar também alguns concursos literários promovidos pela imprensa brasileira na década de 50, a exemplo dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *A Última Hora*.

A ativa colaboração em jornais vai seduzindo o jovem João Antônio, que vê no veículo de comunicação não só um emprego, mas também uma possibilidade de seus textos de cunho literário serem publicados e lidos pelo grande público. Naquela época, muitos dos principais escritores brasileiros de ficção trabalhavam na imprensa, como por exemplo, Antônio Callado.

De certa maneira, a publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em 1963, pela Civilização Brasileira, foi uma espécie de senha para que seu autor pudesse se credenciar para trabalhar como jornalista nos grandes veículos de comunicação impressa.

O escritor João Antônio não era apenas mais um candidato à jornalista, mas um autor estreante que obteve elogios importantes de grandes críticos após o lançamento do seu primeiro livro. Além disso, João Antônio recebeu dois Jabuti, prêmio concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Escolhido como autor revelação e tendo seu livro ganho a honraria de ser considerado o melhor livro de contos do ano, o escritor teve as portas dos principais jornais abertas para a sua entrada.

Apenas em 1964, com sua mudança para o Rio de Janeiro, João Antônio pode viver a sua primeira grande experiência como repórter, justamente num ano de grande agitação política, com o golpe militar. É no meio desse contexto agitadíssimo que ele dá seus primeiros passos, publicando uma grande

reportagem no Jornal do Brasil, intitulada "Lapa acordada para morrer". Com certo tom de saudosismo, o escritor lamenta a descaracterização do centro do Rio de Janeiro. João Antônio evoca vários malandros mortos, prostitutas, jogadores de sinuca e outros pingentes-personagens também recorrentes em vários escritos seus.

A temporada no Rio de Janeiro só vai ser interrompida um ano depois, em 1966, quando João Antônio volta a São Paulo para integrar a equipe da recém-criada revista *Realidade*, um dos marcos da imprensa brasileira. A experiência da revista *Realidade* foi estudada por especialistas em Comunicação Social. E todos eles afirmam que o veículo foi um marco para a história recente da reportagem no Brasil. E, de certa forma, a passagem de João Antônio foi um marco também em sua carreira como escritor, uma vez que foi no veículo que ele pode fazer reportagens que marcaram época, muitas vezes fundindo literatura e jornalismo.

A estreia do escritor na revista *Realidade* se deu em outubro de 1967. Do início de *Realidade* para aquele momento, a revista tinha publicado 22 reportagens, revelando as mil faces do Brasil, principalmente um país castigado pelas desigualdades econômicas e por uma ditadura militar desde 1964.

A primeira reportagem publicada por João Antônio não poderia tratar de um assunto diferente daquele que permeia o universo do escritor: o jogo de sinuca. Sob o título "Este homem não brinca em serviço", ilustrada com fotos de Geraldo Mori,

a reportagem discorre sobre o ambiente da sinuca, com suas figuras marginais, bem ao estilo do consagrado *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado quatro anos antes.

A atuação de João Antônio na revista *Realidade* foi mais efetiva no ano de 1968. É nessa época que ele publica o conto-reportagem "Um dia no cais", apontado por especialistas como sendo um dos primeiros a ousar em termos forma-conteúdo dentro do modelo do chamado *New Jornalism*. O escritor passou um mês convivendo com as mais variadas figuras do porto de Santos, um dos mais movimentados do país.

As técnicas do chamado Novo Jornalismo acompanharam toda a carreira de escritor e jornalista. Para um dos mentores do chamado *New Journalism*, o jornalista norte-americano Tom Wolfe, quatro procedimentos são tidos como fundamentais: a narração cena por cena; a reprodução dos diálogos de forma integral; o ponto de vista em terceira pessoa e finalmente, o relato pormenorizado das atividades da personagem durante o seu dia a dia.

Encerrada a temporada de *Realidade*, João Antônio muda-se novamente para o Rio de Janeiro. Lá, ele vai trabalhar na revista *Manchete*, de linha tradicional, nos moldes das revistas conservadoras norte-americanas. Uma vez no periódico dos irmãos Bloch, o escritor não vai se adaptar a uma redação marcada pela censura e a falta de liberdade. Assim, como um caminho de resistência, João Antônio vai passar a colaborar com

a chamada imprensa alternativa, que surgia com força no final da década de 60 e início dos anos 70.

Segundo Rabaça e Barbosa (1987, p. 329), a expressão imprensa alternativa foi lançada por Alberto Dines em sua coluna "Jornal dos jornais", na *Folha de S. Paulo*. Os autores ressaltam que também se costuma usar o termo "imprensa independente" para compreender o fenômeno. O escritor e jornalista João Antônio também cunhou sua expressão, chamando o movimento periodista de "imprensa nanica", em artigo publicado na época no semanário *O Pasquim*. Segundo Marcos Fearman, ainda conforme Rabaça e Barbosa (apud op. cit.), a chamada imprensa alternativa não surgiu como resposta à grande imprensa, mas para constituir instrumentos de expressão de grupos sociais que não têm voz na grande imprensa.

Foi o próprio Millôr Fernandes, recentemente falecido, que convidou João Antônio na primeira metade dos anos 70 para assinar uma coluna n' *O Pasquim*. *O Pasquim* vai ser um dos mais importantes veículos da chamada imprensa alternativa brasileira. Humor e crítica política se fundem a partir de uma linguagem nova que trouxe ao jornalismo brasileiro um tom informal, meio carioca, próximo da oralidade e distante da chamada norma culta. Na redação do jornal, conviviam Millôr, Jaguar, Ziraldo, Ivan Lessa, Paulo Francis, Sérgio Augusto, entre outros intelectuais.

Kucinski (1991, p.156) afirma que o combate dos jornais como *O Pasquim* à ditadura se deu através do humor e da sátira

contra o poder estabelecido pela força. Segundo ele, um dos traços característicos do jornal foi a grande entrevista provocada e dialogada. E a crescente influência do jornal na classe média brasileira foi motivo de seu enquadramento na chamada Lei de Segurança Nacional, já que setores conservadores do clero da Igreja Católica e das Forças Armadas afirmavam que o periódico "fazia uma campanha contra a família brasileira".

A "morte" do jornal *O Pasquim* vai ser lenta, resultado de vários fatores: a censura, a descaracterização do projeto editorial do periódico, a crise financeira, entre outros. No entanto, a ideia de um jornalismo alternativo fincado na total liberdade iria voltar décadas depois, num contexto totalmente diferente. O jornal foi vendido por Jaguar nos anos 80 a um empresário. E ele vai voltar, por iniciativa de Ziraldo, nos anos 90, sob a forma de *O Pasquim 21*, durante a campanha que objetivava levar Lula à presidência do país.

Depois da experiência de João Antônio em *O Pasquim*, ele vai mergulhar de cabeça na chamada imprensa alternativa. Juntamente com um grupo saído da revista *Realidade*, o autor vai ter uma experiência de construção de um jornal em uma cidade de porte médio, no interior do Paraná. Em 1975, juntamente com outros importantes jornalistas ele vai para Londrina para trabalhar no jornal cooperativo *Panorama*. A experiência dura pouco mais de um ano, mas rendeu alguns personagens que vão

ser incorporados aos livros publicados pelo escritor nos anos 90, na sua última fase.

Seja na grande imprensa ou na imprensa nanica (expressão criada por ele mesmo), João Antônio vai durante décadas seguidas trabalhar em textos que estarão sempre dialogando com o literário.

Ao entendermos esta identidade híbrida moldada ao mesmo tempo no jornalismo e na literatura, observamos que os escritos de João Antônio se espalham ao longo do tempo por revistas, jornais e livros, formando uma imensa teia que atravessa décadas da história recente do Brasil.

A partir de práticas híbridas, os escritos se assemelham aos rizomas descritos por Deleuze (1995), como um labirinto vegetal. Ao se traçar uma cartografia para tentar decifrar os movimentos da obra, tentamos mostrar a heterogeneidade do trabalho do escritor-jornalista, marcado pela multiplicidade de situações e motivos.

## 3 João Antônio e a literatura "infanto-juvenil"

*Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* (1991) faz parte de uma fase na carreira de escritor de João Antônio na qual ele investiu na divulgação de seus trabalhos junto ao público infanto-juvenil, em grandes editoras como a Ática, a Scipione e a Atual.

A primeira experiência de João Antônio de trabalhar junto às editoras que publicam para a faixa de público infanto-juvenil nos parece ser fruto da indicação do também escritor Marcos Rey, que o apresentou ao editor Fernando Paixão, resultando na publicação em 1987 do conto *Malagueta, Perus e Bacanaço* na série Rosa dos Ventos, da Editora Ática.

Depois do primeiro contato, já familiarizado com os editores, publicou *Meninão do Caixote* (Atual, quatro edições), *Paulinho perna torta* (Mercado Aberto, 12 edições), *Um herói sem paradeiro- vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento* (contos, Atual, 1993), *Afinação da arte de chutar tampinhas,* pelo Programa Nacional do Livro Didático, Editora Formato (MG), contos, 1993, *Patuléia- gentes da rua* (Coletânea, Ática, 1996) e *Sete vezes rua* (contos, Scipione, 1996).

Fazendo uma rápida análise da obra do escritor, notamos que a presença de João Antônio no segmento infanto-juvenil vai se intensificar na década de 1990, por sinal, sua última fase. Distante do grande público e das livrarias, com muitos dos seus títulos esgotados pela Editora Civilização Brasileira, João Antônio vê como sobrevivência possível a publicação de seus escritos por editoras que trabalham com o público escolar. Inclusive, em vários de seus livros da fase infanto-juvenil temos a presença de encartes destinados às atividades por parte dos alunos e outros com o exemplar do professor, com sugestões de atividades em sala.

A década de 90 vai assinalar também uma intensa colaboração de João Antônio em jornais, na *Tribuna de Imprensa* com resenhas de livros, exercendo a crítica cultural, avaliando os lançamentos editoriais e também lembrando nomes da literatura e cultura brasileira como Lima Barreto e Noel Rosa. O resenhista indaga justamente a condição do escritor numa sociedade periférica e traça o painel sobre a precária estrutura e valorização que se dá ao intelectual, seja ele jornalista ou literato.

Em carta endereçada ao crítico literário Fábio Lucas, datada de 1991, João Antônio comenta justamente sobre o mercado editorial, vejamos:

> Você deverá estar recebendo, dia desses, um exemplar da 4ª edição do meu *Meninão do Caixote*, agora de roupa nova, reeditado pela Atual Editora. E também eu, não sou melhor que ninguém, entro na fila dos autores brasileiros órfãos, isto é, autores que precisam de uma adoção, como diz Fernando Sabino. É uma edição tentando a adoção dos professores. Pula o sapo por precisão e não por boniteza (...)
> E deverá sair ainda este ano, novo livro meu, pela Scipione, *Zicartola* pela coleção Diálogo. Vamos ver. O nome Zicartola é mágico e elegante, assim o senti desde que o vi pela primeira vez em 1965, ano do IV centenário do Rio de Janeiro. (ANTÔNIO, 2004, p.122-3)

Esta espécie de misto entre "melancolia" e esperança em relação ao mercado das ideias em meados da década de 90, vai coincidir no plano político com a ascensão no Brasil de um pensamento neoliberal e privativista. É justamente na época em que a morte vem tirar João Antônio do convívio com seu público em 1996. *Dama do Encantado* publicado pela Nova Alexandria vai ser seu último livro, uma espécie de síntese entre o jornalismo e a literatura.

## 4 João Antônio cronista em *Zicartola*... (1991)

Encontramos em *Zicartola e que tudo vá pro inferno!* (1991) sete textos que remetem a cidades diferentes, a saber: Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Ramos (1991, p. 3) acredita que o livro é a crônica de três cidades, trazendo uma visão sensível, captando o essencial e promovendo um comovido cortejo de tipos, lugares e momentos. Ele acredita também que as crônicas de *Zicartola*... têm um corte eminentemente popular, sempre sinalizada pela marca invulgar da narrativa.

Em *Zicartola*..., João Antônio nos apresenta textos como "No morro da geada" (uma espécie de crônica da infância do escritor em São Paulo), "Feira" (sobre a feira do bairro do Peixoto, no Rio de Janeiro), "Santas Terezas" (um passeio pelo bairro boêmio carioca), *Zicartola* (sobre a mais famosa casa de samba brasileira), "Querida praça XV" (reformas urbanas no

Rio de Janeiro), "E que tudo mais vá pro inferno!" (uma visão particular de Salvador) e "Vibrações, poeiras e pulgueiros" (uma espécie de crônica sobre o cinema brasileiro).

Um recurso utilizado por João Antônio é a datação dos seus escritos. Todas as crônicas do livro são datadas. Apesar de ter sido lançado no início da década de 90, "Zicartola..." traz textos que foram publicados ao longo da década de 80 (anos 86 e de 88) e um no final da década de 70 (*E que tudo vá pro inferno!*", de março de 1978). A crônica memorialística *No morro da geada* foi publicada originalmente em *O Estado de S. Paulo* e com o título *Nos tempos de menino*, no suplemento *Nas bancas*, do jornal semanal *O país*, datada de 26/12 a 01/01/86. Como assinala Candido (1992, p.14), a crônica é filha do jornal e da era da máquina, daí seu caráter de publicação efêmera, transitória. Ao ser transposta do jornal ao livro, além de leitores, a crônica ganha unidade ao ser reunida com outros escritos que carregam identidade entre si, enfeixados sob um título. É justamente o que veremos em *Zicartola…*

O escritor Ricardo Ramos (1991) destaca que a mobilidade do autor em circular inicialmente por São Paulo, depois pelo Rio de Janeiro e, finalmente, por Salvador vai dar ao escritor a matéria prima para a sua escrita:

> Zicartola, velha casa de samba da Rua da Carioca, tem como subtítulo "e que tudo mais vá pro inferno!", a

> propósito da Bahia. Referência curiosa? Nem tanto. O paulista João Antônio já se iniciou em partido-alto, inovando, criando uma galeria de marginais enfim admitos. Mudando-se para o Rio, no seu elemento, afinou mais ainda um talento inegável. E mesmo nas incursões baianas entendeu tudo, como poucos da boa terra. Resumindo: *fez-se nacional.*
> Temos aqui nosso grande *contista popular*. Dando uma de cronista, o que é ótimo. Porque alia à ficção suas ideias, opiniões, a posição pessoal do escritor. Um João Antônio livre e solto, em plenitude. Admirável. (RAMOS, 1991, p. 3 *grifo nosso*).

Uma escrita que se faz nacional e popular, verdadeiro passeio pela cultura brasileira e também pela memória sobre a literatura e cinema internacionais. Basta ver no glossário especialmente elaborado para edição com a vida de mais de sessenta artistas, escritores e intelectuais citados no texto joãoantoniano.

A primeira crônica do livro é "No Morro da Geada", na qual o escritor dialoga com sua infância pobre, vivida na periferia de São Paulo. Homem já feito, num dia de folga, ele resolve subir o morro e depara-se com o agravamento das péssimas condições de vida dos moradores. As lembranças de um morro poético ainda com ares rurais vão se estraçalhando ao notar que a pobreza foi substituída pela miséria em tempos neoliberais.

A personagem central da crônica é a matriarca Júlia (carinhosamente conhecida como Lula), bisavó do escritor. Severa, ela é uma espécie de elo entre o homem e o menino João Antônio. Doída, a volta ao lugar de nascimento evoca no cronista o desejo de retratar e unir com as mesmas tintas as cores do passado e do presente, uma vez que "[...] o céu me dá vontade de ser pintor." (ANTÔNIO, 1991, p.7). Em todo o momento do texto o desejo de ser pintor, inspirado pelas cores do céu, dialoga também com a construção do Morro da Geada como sendo um lugar multicultural, multirracial. As cores da nuvem branca, dos panos pendurados nos varais e dos meninos e meninas que brincam no morro, constroem a paleta do artista da crônica que busca muitas vezes na pintura o que a palavra não pode exprimir.

O segundo texto do livro *Zicartola…* é a crônica "Feira", datada de março de 1986, ambientada dessa vez no Rio de Janeiro. Juntamente com a mulata Mariuska, João Antônio sai à procura de um país pelo qual sente saudade, uma vez que "quando em quando, me baixa, aqui no Brasil, uma saudade do Brasil" (ANTÔNIO, 1991, p. 15). A crônica "Feira" dialoga com a anterior, uma vez que versa sobre o trabalho do pintor Di Cavalcanti, que queria ser escritor e "deixou crônicas magníficas" (ANTÔNIO, 1991, p. 16). Evocando as cores e sabores do país, a crônica também estabelece um intertexto com "Feiras e mafuás" de Lima Barreto (1881-1922).

A terceira crônica é "Santas Terezas", um passeio pelo bairro boêmio carioca. Com sua ironia e sem citar diretamente o nome do escritor, João Antônio retrata um cronista burguês que mesmo morando em Santa Tereza, não conseguiu trazer para a literatura nem para o jornalismo o espírito fantástico do lugar. No caminhar joãoantoniano por Santa Tereza há paradas e avanços, "desenhando" bares e personagens marcantes. E é neste passeio que ele conclui que se o escritor argentino Jorge Luis Borges fosse morar no Rio de Janeiro, com certeza residiria em Santa Tereza.

Na crônica que dá título ao livro, há um diálogo proveitoso entre o jornalismo e a literatura, uma vez que João Antônio faz uma espécie de perfil da mais famosa casa de samba com um texto que é uma espécie de crônica-perfil de uma época, de um lugar e das pessoas envolvidas no centro e na periferia da trama cultural da música brasileira no século XX. Fruto da junção dos nomes e dos talentos (musical e culinário) de Cartola e Dona Zica, o *Zicartola* é descrito em duas fases pelo escritor. Na primeira, como um lugar intocado e frequentado por compositores, artistas e demais pessoas que gostam do samba. Na segunda fase, já rendido ao turismo voltado ao exótico dos gringos e da classe média "cabeça", o *Zicartola* é alvo fácil do conservadorismo e da falsa intelectualidade de esquerda. A decadência vem quando o lugar começa a ser frequentado por falsos cronistas e pela classe média, que por sinal João Antônio chamava jocosamente de

"classe mérdia". Em *Zicartola* há um sensível perfil do cantor e compositor Cartola, que por sua vez é comparado a poetas como Mário Quintana.

Ainda no Rio de Janeiro, em *Querida Praça XV* é a vez do protesto contra os rumos da "modernização" dos espaços, na qual a construção de um viaduto ("trambolho feio caro e de utilidade discutível" nas palavras do escritor) faz a paisagem da cidade mudar para pior.

O texto *E que tudo mais vá pro inferno!*, que aproveita um trecho de uma música de Roberto Carlos, ambienta-se na cidade baixa de Salvador. Mesmo distante do Rio de Janeiro, João Antônio traça um perfil comparativo entre os músicos Cartola e Batatinha, demonstrando a marginalização sofrida pelo artista baiano. Além disso, o cronista circula pela feira, que mistura odores, produtos e pessoas, na qual ecoa no rádio a música do "rei" Roberto Carlos.

*Vibrações, poeiras e pulgueiros* é construída através de *flashes* da formação do escritor enquanto espectador de filmes em São Paulo. Ele traça um breve panorama do cinema nacional e estrangeiro dos anos 50 e 60, sobretudo do Cinema Novo de Gláuber Rocha. Remontando aos anos 30, à ditadura de Getúlio Vargas, o autor revive momentos significativos da cultura nacional.

## 5 Palavras finais

Em *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* (1991), as habilidades da escrita literária e jornalística de João Antônio fundem-se para construir suas crônicas, conexões entre assuntos que aparentemente não apresentam ligações entre si.

Nas palavras de Candido (1992, p. 14) "a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas". Este ziguezague do gênero crônica, apontado por Candido (op. cit., p. 20), parece conduzir o leitor a uma viagem, no caso de João Antônio, uma viagem por três cidades brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador), um percurso que contesta de certo modo melancólico a modernidade e seus dilemas.

Captar o urbano e suas transformações, buscar o humano num mundo cada vez mais burocratizado e repensar a cultura brasileira e seus autênticos representantes, parecem ser alguns objetivos buscados pelo cronista João Antônio (1937-1996).

Trata-se de um elegante passeio marcado por um forte sentimento nacional e movido por uma paixão pelo popular, pelo Brasil que muitas vezes parece estar esquecido pelos próprios brasileiros.

## Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*- ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: Senac, 2002.

ANTÔNIO, João. *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!*. São Paulo: Scipione, 1991.

ANTÔNIO, João. *Cartas aos Amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. Cotia, SP: Ateliê/Oficina do livro Rubens Borba de Moraes, 2004.

ANTÔNIO, João. *Paulinho Perna Torta*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANTÔNIO, João. *Patuléia*- gentes da rua. São Paulo: Ática, 1996.

ANTÔNIO, João. *Sete vezes rua.* São Paulo: Scipione, 1996.

ANTÔNIO, João. *Afinação da arte de chutar tampinhas.* Belo Horizonte: Formato, 1993.

ANTÔNIO, João. *Um herói sem paradeiro*- vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento. São Paulo: Atual, 1993.

ANTÔNIO, João. *Meninão do caixote.* São Paulo: Atual, 19991.

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço.* São Paulo: Ática, 1987.

AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. Malagueta, Perus e Bacanaço: estudo sobre a representação do malandro num conto de João Antônio. *Revista Principia*. João Pessoa: Cefet PB, setembro de 1999. Ano III número 7.

AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio, repórter de Realidade*. João Pessoa: Idéia, 2002.

AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio.* Assis, SP: Unesp, 2008. Tese de doutorado.

BAHIA, Juarez. *Jornal- história e técnica-* história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BELLUCO, Hugo Alexandre de Lemos. *Radiografias brasileiras: experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio*. Mestrado em Teoria e História Literária. Instituto de Estudo da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 2006 (dissertação de mestrado).

CANDIDO, Antonio. "Vida ao rés-do-chão" In: *A crônica-* O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil.* São Paulo: Contexto/ Usp, 1988.

CORREA, Luciana Cristina. *Do real à ficção: a busca de um retrato brasileiro na construção de personagens de João Antônio*. Assis, SP: Faculdade de Ciências e Letras de Assis/ Universidade Estadual Paulista, 2006 (tese de doutorado).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*- capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suelly Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. (volume 4).

FARO, José Salvador. *Revista Realidade: 1966-1968- tempo da reportagem na imprensa brasileira.* Canoas: Ulbra/AGE, 1999.

MORAES, Renata Ribeiro de. *João Antônio de pés vermelhos: atuação do escritor-jornalista em Panorama*. Universidade Estadual de Londrina, 2005. (dissertação de mestrado).

RABAÇA, Carlos Alberto; Gustavo, BARBOSA. *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

RAMOS, Ricardo. "Prefácio" In: ANTÔNIO, João. *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!.* São Paulo: Scipione, 1991.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*- nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

SÁ, Jorge de. *A crônica.* (Série Princípios, 5). São Paulo: Ática, 1985.